



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
RAINHA DONA LEONOR

Jornal Académico

Nº 89 — Abril 2022

“(....)”

Canto como quem usa
os versos em legítima defesa.
Canto, sem perguntar à Musa
Se o canto é de terror ou de beleza.”

TORGA, Miguel, 2007. “Orpheu rebelde.”



“Os Lusíadas como nunca os ouviu”

O teatro tem uma essência diferente do cinema e das plataformas de streaming; fico sempre com a sensação de que é algo mais real, já que estamos a ver e ouvir a história que nos é contada em tempo real, parece que até fazemos parte da peça, em alguns momentos.

Página 4

Comunicar Ciência

Assim, comunicar ciência é muito mais do que apenas saber ou ser um muito bom matemático ou um excelente químico, pois para que a sociedade avance e saiba de facto quais as vantagens do estudo e investigação científica, é também importante discuti-la, analisar diferentes pontos de vista, explicá-la à comunidade e saber cooperar de modo que se criem melhores e mais dinâmicos resultados finais.

Páginas 20 e 21

O Impacto da Desinformação na Democracia

Páginas 22 e 23

“Novelas da Vida”

Página 24



A Comunidade Educativa da Escola Eugénio dos Santos, uniu-se para formar um cordão humano pela PAZ.

Palavras Como Armas

Na verdade, a culpa não é das armas, nem de quem as usa efetivamente, a culpa é das palavras das ideologias, palavras mal ditas, mal interpretadas por quem tem poder que implanta e alimenta o ódio.

Páginas 14 e 15

Os Nossos Poetas

“Sim, Sou Livre”

“Liberdade”

Página 18



O Prémio Literário é atribuído ao texto “Novelas da Vida” escrito por Íris Ribeiro.

Editorial

“Em abril, águas mil”, diz o velho ditado que continua sempre atual e não deixa créditos por mãos alheias. Estamos ainda em março e as chuvas que não vieram antes (e deviam ter vindo) aí estão.

É a festa da primavera! São flores, são poemas, mas não são rosas. É verdade que não estamos para festas, mas o tempo não parou e o calendário avançou sem apelo nem agravo. As flores já cá estavam, teimando em enfeitar os dias sombrios de inverno e, agora, temos a chuva a bater nas vidraças que, assim, não nos deixam ver para fora, mas nós também queríamos ver outra coisa que não está lá (para além da chuva, a noite caiu sobre as nossas cabeças e nunca mais é dia!). A escuridão ensombrou-nos a alma por força das notícias de março que nos chegam doutras paragens e que fazem um ruído ensurdecedor (e já vinham de fevereiro) e não conseguimos ver mais nada, porque os vidros embaciam-se.

A História repete-se! Andamos, andamos, de progresso em progresso, mas parece que há momentos de retrocesso e há passos que teimam em levar-nos para trás, e aí estamos, os tambores da guerra ecoaram fortemente e estamos de novo à beira do abismo. Não queríamos acordar, não queríamos ver, não queríamos ouvir, mas recuar já não é possível, porque o mal está feito, as armas teimam em não se calar e as feridas que ficarem vão demorar a sarar.

Nada vai voltar a ser como antes, contudo, precisamos de nos manter à tona dos dias que demoram a passar até à calmaria. Por isso, fomos ao teatro, o teatro veio até nós, visitámos o Convento de Mafra, o Museu do Dinheiro e divertimo-nos como atletas a sério. Refletimos sobre questões de cidadania, como a igualdade /desigualdade, sobre sustentabilidade e multiculturalismo e porque é preciso comunicar com verdade seja ela em ciência ou em democracia, seja em tempo de paz ou tempo de guerra, aqui está o nosso trabalho.

Queríamos festejar a chegada da primavera. A festa nem sequer começou, porque a perplexidade tomou conta das nossas vidas e, de novo, adiamos.

Não vale a pena florescer! Por mais que tentemos não voltar ao mesmo lugar, de tempos a tempos esquecemo-nos e lá estamos. Pessimistas, nós? Que diria o Camões ou o Fernando Pessoa se cá estivessem?

Não há rosas em janeiro, mas também ainda não as há em abril. Talvez, quem sabe, lá para maio!

Até lá, sejamos solidários e usemos as palavras como armas para a paz. É para isso que estamos aqui.

As Coordenadoras

Nesta edição:

Momentos Reais	3 a 13
Palavras Como Armas	14 e 15
Os Nossos Artistas	16 e 17
Os Nossos Poetas	18 e 19
Comunicar Ciência	20 e 21
Literacia nos Média	22, 23 e 24
Cada Cabeça Sua Sentença	25
Projetos em Andamento	26
As Nossas Leituras/Os Nossos Filmes	27
Solidariedade em Tempos Conturbados	28



- FICHA TÉCNICA -

COORDENAÇÃO: Ana Veríssimo, M^a José Pardelhas, M^a dos Anjos Queimada, M^a Lucília Cid e Sarah Serra
COLABORAÇÃO: Augusta Crespo e Adriana Fernandes

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAINHA DONA LEONOR
 Rua Maria Amália Vaz Carvalho, 1749- 069 Lisboa
<http://www.aerdl.eu>

O dia do Agrupamento aproxima-se e sente-se o frenesim na preparação das atividades previstas para as várias Escolas: Exposições, Recantos Musicais, Laboratórios Abertos, Leitura Expressiva e Atividades Desportivas entre outras.

A dedicação e persistência de Alunos, Professores, Assistentes Operacionais e a colaboração dos Encarregados de Educação, faz-nos acreditar numa Escola cada vez mais dinâmica que ensina e que é aprendente.

Um bem-haja a todos aqueles que tornam a nossa Escola um espaço vivo, de todos e para todos.

A equipa da Direção deseja à Comunidade Escolar e às suas famílias uma Páscoa feliz!



#cenastipobué

Confesso que não tinha pensado escrever sobre este tema, mas com a proximidade do limite do limite dos limites da sua entrega, reparei que era o mote que mais assomava à minha memória e que dava asas para muita escrita e alguma reflexão.

Nesta altura, pergunta-se já o meu Leitor, qual será o assunto desta crónica. Pois bem, fica já desvendado o tema, será sobre a novidade!!!! Sim, a novidade, pois os jovens que agora se sentam nas cadeiras das salas, nas minhas aulas, estão fartos de velharias, e entenda-se que as velharias não são apenas os professores, que como toda a gente sabe e experiencia, temos todos, ou quase todos, uma razoável idade.

As velharias que pouco, ou nenhum, interesse despertam a estes jovens são as aborrecidas experiências sobre a difracção da luz, a determinação da velocidade do som, a determinação do coeficiente de viscosi-

dade de um fluido, a conservação da quantidade de movimento, a síntese do ácido acetilsalicílico e suponho que as que realizaremos no futuro, também pouco interesse despertarão. E a razão que me apresentaram para tal falta de interesse, foi que essas experiências já tinham sido feitas, ou seja, são velhas, já são usadas.

Caríssimo Leitor, estou sinceramente aflita, pois as novidades que tenho para dar aos meus alunos têm, as mais novas, mais de cinquenta anos, já para não falar da Mecânica Clássica, que tem mais de trezentos anos. Portanto, os meus jovens alunos, sedentos de novidades e ansiosos pelas sensações de fazer algo que nunca ninguém fez, sentem-se obrigados a aprender coisas que a maior parte das pessoas sabe e a repetir experiências que já foram feitas, e pasmem-se, muitas delas com resultados experimentais muito melhores.

Mas o pior, meu atento Leitor, é que se pensarmos nas outras disciplinas, o panorama não é melhor. Em

Português estudam-se escritores bué da velhos, que falam num português que ninguém percebe e de coisas que não fazem sentido. E os livros desses autores já foram lidos por muita gente. E em Matemática? O Teorema de Pitágoras é mesmo muita velho, e o Cálculo, nem é bom pensar?!!! E a História, prezado Leitor, nem vou falar sobre a História!!!!

Não vou fazer um périplo pelas demais disciplinas, pois suponho que o panorama de novidades, será o mesmo.

A questão que coloco é, será que a ânsia de novidade, de originalidade, afogou a curiosidade?

E assim termino esta nossa conversa, despedindo-me do meu paciente Leitor com votos de uma Páscoa Feliz!

Até breve!

Maria de Fátima Magalhães

“Os Lusíadas como nunca os ouviu”



No dia 26 de março, no Teatro Nacional D. Maria II, alguns alunos, professores e funcionários da Escola

Secundária Rainha Dona Leonor participaram na falação integral d’ “Os Lusíadas”. Este espetáculo antecedeu o Dia Mundial do Teatro (27 de março) e comemorou os 500 anos da primeira edição d’ “Os Lusíadas”.

Para além do ator António Fonseca, que conhece na íntegra “Os Lusíadas”, dez grupos de dez pessoas, onde se inclui o grupo RDL, foram convidadas a participar no Canto X desta obra.

Esta foi uma oportunidade única pois possibilitou que pessoas, pouco ou nada ligadas ao Teatro, usufruís-

sem dos ensinamentos de um reputado ator e da experiência única de pisarem as tábuas do Teatro Nacional D. Maria II.

Foi com grande entusiasmo e empenho que todos aceitaram este desafio e mergulharam no mundo de Camões e d’ “Os Lusíadas”.

Agradecemos ao Teatro Nacional D. Maria II a oportunidade de participarmos nesta epopeia!

Teresa Sá Machado

Os Lusíadas no RDL - Por António Fonseca

Publicado pela primeira vez em 1572, Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões veio contar às futuras gerações a história dos descobrimentos portugueses. Exaltando a coragem e dedicação dos portugueses, narrando os obstáculos e a perseverança, a sorte e ajuda divina, Camões moldou a realidade da descoberta do caminho marítimo para a Índia, transformando-a numa viagem heroica.

António Fonseca, um ator português, dedicou-se à leitura expressiva da obra e veio dar aos alunos da escola Rainha Dona Leonor uma nova perspetiva acerca da epopeia de Camões. Ao ir além da declamação da obra, contribuindo com a sua opinião acerca dos vários episódios declamados e colocando questões frequentes aos alunos presentes acerca de por-

menores da obra, o ator conseguiu captar o interesse dos mesmos para uma obra que é muitas vezes estudada com indiferença.

“A realidade é insuportável”, diz António Fonseca. E é por isso que sonhamos. Para escaparmos à realidade a que estamos sujeitos e nos transpormos para uma realidade melhor. Foi exatamente esta a motivação da escrita de *Os Lusíadas*. Camões transformou algo que, na realidade, foi uma experiência péssima, repleta de morte, desconforto e falta de condições, numa aventura em que qualquer leitor desejaria participar. Esta transformação de realidades torna a obra notável e crucial ao estudo da literatura portuguesa.

“E para quê?”, foi uma das questões muitas vezes repetidas por António Fonseca quando se referia ao

episódio do Velho do Restelo. Para quê expormo-nos a tal sofrimento? Para quê irmos sem a garantia que vamos voltar? Não por amor à pátria, não para espalhar a fé cristã, não por títulos ou terras. Somente pelo desejo de sermos algo maior do que “um bicho da Terra tão pequeno”¹. Pelo sonho de contribuirmos para algo maior que nós mesmos.

A leitura expressiva e dinâmica de António Fonseca mostrou-nos novos caminhos partindo das palavras de Luís de Camões que, como poeta, tem a função embelezar a realidade, tornando-a algo de agradável ao leitor.

1- Os Lusíadas, Canto 1, Estância 106

Mariana Abrantes

D’Os Lusíadas ao Memorial do Convento

Representação da obra *Memorial do Convento* e *Os Lusíadas* e a importância do teatro

Vivemos numa época cheia de novas fontes de cultura que, por norma, são mais cómodas, tais como as plataformas de streaming, os audiolivros, podcasts, etc., o que nos faz esquecer de outras fontes de cultura, como por exemplo, o teatro.

Tivemos a oportunidade de, depois de vários meses sem poder ir sair da Escola, assistir à representação da obra *Memorial do Convento*, de José Saramago e de ouvir a obra de Camões, *Os Lusíadas*, a ser recita-

da e comentada pelo ator António Fonseca, o que me fez voltar a sentir a magia que é o teatro.

O teatro tem uma essência diferente do cinema e das plataformas de streaming; fico sempre com a sensação de que é algo mais real, já que estamos a ver e ouvir a história que nos é contada em tempo real, parece que até fazemos parte da peça, em alguns momentos.

Já tinha lido a obra de Saramago em questão e alguns cantos da obra de Camões, mas é sempre diferente

ler e ver a história representada. Sempre que vemos representações de obras que já lemos percebemos sempre coisas que nos tinham escapado; eu, por exemplo, acho que quando vejo uma representação de uma obra literária fico sempre com uma melhor ideia de todas as emoções descritas no livro, o que poderia colocar o teatro em pé de igualdade com o cinema, mas, no meu caso não acontece, já que, no teatro, estou a ver e a sentir as emoções ao vivo e sem qual-

(Continua na página 5)

(Continuação da página 4)

quer hipótese de repetição, o que deixa tudo mais autêntico.

Concluindo, posso dizer que ter ido ver e ouvir estas duas representa-

ções foi e será sempre uma mais valia para todos, enquanto alunos e pessoas que serão responsáveis pelo trabalho de continuar a fazer crescer a cultura na nossa sociedade. E quando

não houver mais nada, é a cultura que nos salva!

Inês Farinha

Fomos ao CONVENTO de MAFRA

Memorial do Convento e o Convento de Mafra são duas obras marcantes no contexto artístico português. No caso do primeiro, uma obra literária incomparável escrita por José Saramago, no segundo caso, uma obra arquitetónica megalómana construída segundo a vontade do rei D. João V e, conseqüentemente, a desgraça de um número significativo de portugueses.

Efetivamente, *Memorial do Convento* retrata, juntando história e ficção, desde o seu início, a história de D. João V e D. Maria Ana Josefa de Áustria, na primeira metade do século XVIII, quando o rei dirigia o destino de Portugal e alimentava o absolutismo vivido no país com o ouro vindo do Brasil. No entanto, sendo um dos objetivos do monarca garantir a sucessão, e estando a tentar sem sucesso, acaba por ser convencido pelos franciscanos de que conseguiria ter filhos desde que promettesse o levantamento de um convento em Mafra. A descrição dos acontecimentos realizada por Saramago acaba por ser irónica e sarcástica, com uma crítica implícita à opulência da nobreza face à pobreza do povo, à corrupção e ao adultério real, a um rei que não olha a meios, nem económicos nem

humanos, para construir o Convento prometido.

(...)

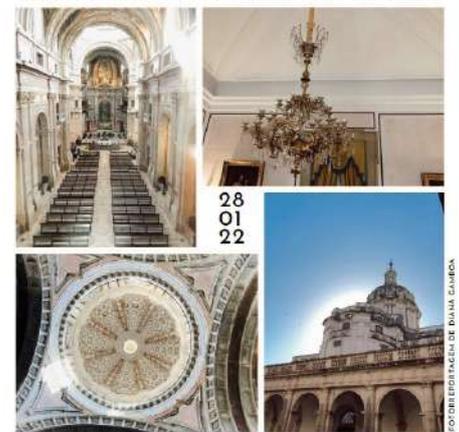
Para além disso, como foi possível ver na representação teatral da obra, *Memorial do Convento* não se trata só de História, mas também de ficção, com a criação de personagens como Baltazar e Blimunda e da construção da passara voadora (que, por acaso tem um fundo histórico), projeto de Bartolomeu de Gusmão. Estas interessantes e invulgares personagens representam o amor sem reservas, de entrega imediata e da concretização de um sonho em conjunto, uma máquina voadora, movida a vontades humanas recolhidas por Blimunda. Através da ação ficcional, Saramago transmite possivelmente uma mensagem com bastante peso simbólico, fazendo crer que as vontades dos homens, quando unidas pelo mesmo sonho, são capazes de vencer qualquer obstáculo, mesmo que este seja voar. Ainda assim, podemos ver a outra face da moeda ou, neste caso, da mensagem, pois é na busca por este sonho que Baltazar é condenado à morte, o padre Lourenço cede à loucura e Blimunda procura, quase moribunda, durante 9 anos, por Baltazar, para acabar por vê-lo morrer às mãos da Inquisição. Estará Sara-

mago a dizer-nos que todos os sonhos são possíveis, basta querer, mas que pelo caminho é necessário contar com as dificuldades?

Posto isto, o Convento de Mafra é realmente uma obra arquitetónica imponente e carregada de História e simbolismo e, quando associada à obra de Saramago, ou à própria representação teatral, nos permite pensar sobre os podres da sociedade portuguesa da época, os sacrifícios dos nossos antepassados, para que hoje possamos observar este monumento com admiração e mesmo na possibilidade da concretização dos sonhos, ainda que com inevitáveis custos, pessoais, económicos, sociais, políticos e religiosos.

Francisco Silva

VISITA DE ESTUDO AO CONVENTO DE MAFRA



(...)

A dramatização da obra de Saramago foi cativante e estava bem organizado. Em termos de conteúdo, a linha da ação e enredo perceberam-se bem considerando a complexidade e densidade da obra. Contudo, foi cometido o erro típico de exagerar a expressividade, a dicção, os gestos e o tom de voz por se estar a encenar para alunos, ridiculizando os atores. Isto causa nos alunos uma sensação de infantilidade (tanto da obra e como da atividade em si), reduzindo a importância que a obra tem para os alunos e gerando desinteresse.

No entanto, qualquer falha que a representação pudesse ter apresenta-

do foi com certeza esquecida assim que se iniciou a visita guiada pelo convento. A contextualização da obra foi esclarecedora e interessantíssima; porém, foi a guia quem fez toda a diferença. Tornou-se evidente que sabia como comunicar com adolescentes – fez perguntas, fez piadas, explicou o que víamos de forma adequada ao nível de conhecimento que temos e salientou os aspetos que nos serão úteis para a disciplina de Português, quando a obra for estudada.

Pessoalmente, considero este tipo de visitas de estudo extremamente úteis pois enriquecem os alunos a nível cultural, histórico e literário, tornando-os melhores cidadãos ao

torná-los mais cultos, interessados e instruídos. Enquanto aluna, reconheço que certas áreas do conhecimento são cultura geral e que é importante clarificar isso desde cedo para que os jovens não se dispensem desta com a desculpa de não ser a sua área de estudo.

Concluindo, acho importante que a escola continue a organizar estas visitas de estudo pois contribuem para o nosso desenvolvimento não só enquanto alunos, mas também enquanto cidadãos.

Maria Laura Fernandes

...desportivos

No dia 4 de fevereiro, no auditório da ESRDL, o CFD de Atletismo do Desporto Escolar, do nosso Agrupamento levou a cabo a 5ª edição do ciclo de palestras com atletas olímpicos/de alto rendimento. Esta iniciativa tem por objetivo promover a partilha de testemunhos e de experiências de atletas com a comunidade escolar, motivando os alunos para a prática do desporto mostrando que é possível conciliar a escola com uma atividade desportiva, ou outra.

É o que acontece com a convidada desta edição que está a concluir a licenciatura em enfermagem, sua paixão desde sempre, e a conciliá-la com o Atletismo.

A convidada foi a velocista – 400m - Cátia Azevedo, atleta com duas participações olímpicas e que iniciou a sua carreira no Atletismo em provas de Corta Mato do Desporto Escolar, vencendo essa prova várias vezes.

Com 43 pódios nacionais e 24 internacionalizações, a atleta alcançou, no dia 2 de fevereiro, em Valência, a

marca de 52,90 segundos, um recorde pessoal e marca de qualificação para os mundiais de pista coberta em Belgrado.

Marcaram presença na palestra representantes da Coordenação Nacional do DE, nomeadamente o professor Rui Norte, referência no atletismo português, que deu o seu contributo tornando esta sessão ainda mais cativante para quem assistiu. O Coordenador Regional, Carlos Ribeiro e a Coordenadora Local, Ana Cabral também fizeram parte do conjunto de convidados honrando-nos com a sua presença.

As turmas do 5ºano - G, H, I – e a C do 6º interagiram com a atleta colocando diversas questões que foram sendo respondidas com muita simpatia e disponibilidade. No final houve a oportunidade de se registar a presença dos alunos com fotos ao lado da atleta.

O CFD Atletismo endereça a todos um sincero agradecimento pelo sucesso desta iniciativa que, desejamos, faça eco e estimule cada um,



“o que quer que façamos na vida é para nos fazer felizes”.

A coordenadora do Centro de Formação Desportiva de Atletismo Lisboa Cidade,

Mª Cristina Antunes



Escola Eugénio dos Santos presente no MegaSprinter Regional

No dia 2 de março a Eugénio dos Santos realizou a prova MegaSprinter contando com 391 participações distribuídas pelas diferentes disciplinas:

Mega sprinter 152, Mega salto 132 e Lançamento do Peso 7.

Na fase Regional, realizada a 17 de março no INATEL, estiveram presentes 18 alunos que representaram a escola muito honrosamente.

Os resultados finais ainda não foram divulgados pelo que apresentamos os nossos medallhados.

Inês Ferreira e Martim Guarda, terceiros classificados na prova de Kilómetro.



Ana Abreu, 1ª classificada no Lançamento do Peso



Letícia Gonçalves, 2ª classificada na velocidade (40m)





Como voam os aviões?

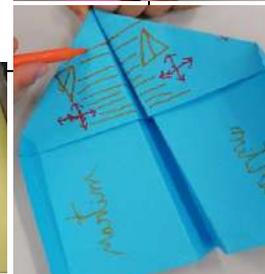
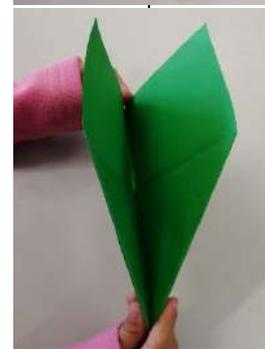
Foi no dia 18 de fevereiro que a turma do 2º C do Bairro de São Miguel participou numa sessão sobre como voam os aviões.

Esta sessão, no âmbito do tema “Profissões” e enquadrando-se também no tema “Meios de Transporte”, foi dinamizada por dois Encarregados de Educação de um aluno da turma.

Os alunos aprenderam um pouco sobre a história da aviação bem como algumas curiosidades sobre os aviões que prenderam a sua atenção. Puderam observar e mexer em alguns materiais usados na estrutura dos aviões.

Por fim, deitaram mãos à obra e aprenderam a construir um avião de papel em origami, decoraram-no e fizeram o seu lançamento.

Bons voos!



Visita ao Museu do Dinheiro



No dia 9 de março, os alunos das turmas 10º06ª e 10º07, do curso de ciências socioeconómicas, realizaram uma visita de estudo ao Museu do Dinheiro, na Praça do Município.

Este museu belíssimo tem muita história para contar, não só pela finalidade do mesmo, contar-nos a história do dinheiro no mundo, mas também pelas transformações

que o edifício sofreu ao longo dos tempos, tendo sido já, por exemplo, uma igreja e um comum parque de estacionamento.

A visita começou pela observação de uma porta de uma caixa forte, que se abre com um código que só duas pessoas conhecem. Aí observamos e tocamos uma barra de ouro que tem um valor aproximado de 700.000 euros.

Noutra sala, estão expostas moedas divisionárias e notas que nos mostram a sua evolução histórica, desde as sociedades antigas, como as antigas dinastias da china, o império romano, até à União Europeia e ao euro.

Visita realizada no âmbito da disciplina de Economia A.

Texto da turma 10º 6ª



9º Ano na Central Tejo

Nos dias 21 de fevereiro e 7 de março as turmas de 9º ano da Escola Básica Eugénio dos Santos e Secundária Rainha Dona Leonor rumaram à Central Tejo, antiga Central Elétrica de Lisboa, tendo visitado os diferentes espaços que a constituíam.

Segundo os alunos tratou-se de uma visita divertida na qual aprenderam muitas coisas no âmbito das disciplinas de Físico-Química e de Geografia. Foi possível perceber a importância desta central para o desenvolvimento da cidade, pois forneceu eletricidade durante vários anos, entre 1909 e 1972.

Tratava-se de uma central termoelétrica em que o combustível era o carvão que chegava por via marítima

e era descarregado na praça do carvão. O carvão queimado aquecia a água que produzia vapor para fazer funcionar um gerador.

Outro aspeto que os impressionou foi a dureza do trabalho que ali se fazia tanto na queima do carvão como na sala dos cinzeiros, pois os trabalhadores tinham que suportar temperaturas muito elevadas, respiravam um ar saturado de poeiras e o barulho era ensurdecedor.

A visita permitiu perceber como produzir eletricidade a partir de fontes de energia renováveis como, o vento, a água e o sol e interiorizar que as energias renováveis devem ser uma aposta para melhorar o ambiente e a economia do país.

As professoras de FQ e de Geografia de 9º ano



No dia 14 comemorou-se o Amor!



O amor dos apaixonados, o amor pela família, pelos amigos, pela arte, o amor universal pelo semelhante, pela vida...

Para recordar a importância deste sentimento foram distribuídas, por toda a comunidade escolar, mensagens de afeição, alento, carinho e gratidão, escritas pelos alunos, pelos professores e por assistentes operacionais que assim se quiseram unir neste abraço simbólico.

Ficou ainda exposto um placar com a história de S. Valentim, versos e frases de autores conhecidos sobre o Amor e a Amizade. Os alunos puderam, então, também escrever o que lhes ia na alma.

Esta atividade foi bem acolhida e terminou depois das mensagens distribuídas e o placar, no átrio da Eugénio dos Santos, ficar pleno de Amor/Amizade!

No Teatro

Nos dias 24 e 25 de fevereiro, todas as turmas do 9º ano, do Agrupamento de Escolas Rainha D. Leonor, foram assistir à peça de teatro *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, encenada pela Companhia Instantes d'Aplausos, no Auditório Santa Joana a Princesa. Alunos e professores acompanhantes foram a pé até ao local, em dias solarengos, tendo aproveitado este momento de partilha e aprendizagem com alegria e prazer. É de louvar o trabalho desta Companhia que auxilia os professores na motivação e compreensão desta obra clássica que faz parte do nosso programa.



E ASSIM ACONTECEU...

Chegaram as **janeiras**, como manda a tradição.

A música ouviu-se no átrio da Escola Eugénio dos Santos e na salados professores.

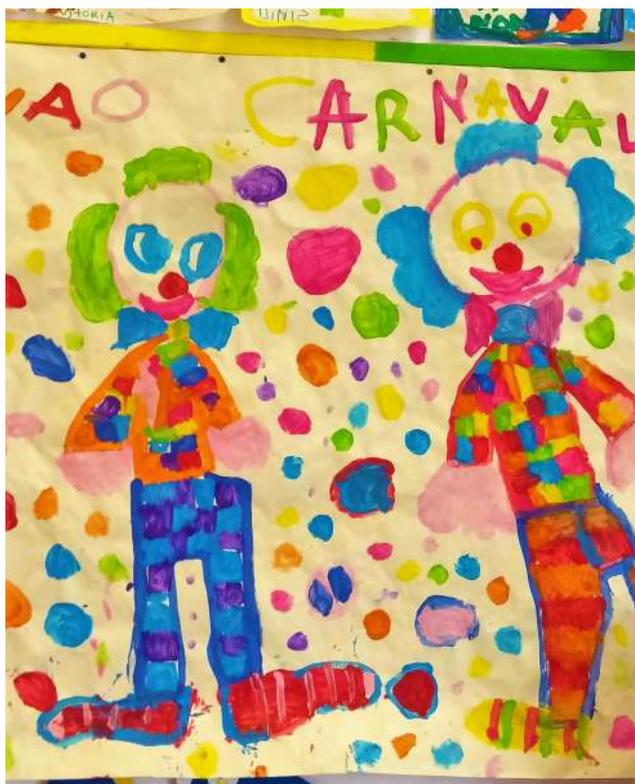
O Clube de guitarra e o Coro dos Coruchéus reuniram-se para animar, divertir e desejar um Bom Ano a toda a comunidade escolar ao som da canção

“Vamos cantar as janeiras
 Vamos cantar as janeiras
 Por esses quintais adentro, vamos
 Às raparigas solteiras
 Vamos cantar orvalhadas
 Vamos cantar orvalhadas
 Por esses quintais adentro, vamos
 Às raparigas casadas”



Também se ouviram na Escola Básica dos Coruchéus e na Escola Básica de Santo António.

E assim, acompanhados pelo professor Miguel Rodrigues, trouxeram até nós esta tradição, entoando canções e espalhando alegria.



**Palhaços
 Sala B JI de
 Sto. António**

**Dia do Pai
 Sala B JI de Sto. António**



de Cidadania ...

A propósito da Igualdade de Género... assistimos à “Água”



O filme “Água” realizado por Deepa Mehta, em 2005, conta-nos uma história impressionante passada na Índia, nos anos 30 e mostra o triste destino reservado às viúvas que viviam em condições desumanas e sem dinheiro para comer, pois não recebiam nenhuma ajuda externa.

Segundo a tradição indiana, as viúvas não podiam voltar a casar. Rapavam-lhes o cabelo e iam para uma casa isolada, onde ficavam até ao final das suas vidas. Outra tradição são os casamentos combinados pelos pais que infelizmente ainda perduram na Índia atualmente.

Inês Gago

Uma História espetacular sobre o destino das viúvas na Índia do século passado, onde a tradição começa a ser posta em causa, devido as ideias de Gandhi. Está centrada numa criança de 8 anos chamada Chuyia, que fica

viúva e de sua amiga que se prostitui para sustentar o lar de viúvas e ousa apaixonar-se por um jovem universitário.

Posso dizer que desconhecia este problema. O filme faz uma dura crítica à religião que coloca as mulheres numa posição impiedosa. Os direitos das mulheres ainda hoje são bastante influenciados pelo casamento tradicional, onde os noivos são escolhidos pelos familiares à nascença.

Para além de muito cativante, este filme aborda vários temas como a Igualdade de Género, deixando-nos a pensar sobre as injustiças deste mundo. Porque é que uma menina de oito anos é obrigada a casar, sendo assim afastada da escola (contribuindo de certa forma para o analfabetismo, tal como se pode constatar numa cena do filme em que a menina afirma que só sabe contar até dez).

Izadora Martins

Esta tradição de as mulheres viúvas não poderem voltar a casar surgiu na Índia e foi retirada das leis de Manu (o chamado pai da Humanidade na religião Hindu), onde o mesmo defende que “depois do marido morrer, a viúva ainda é parte dele e não se deve casar de novo”. Desta forma,

assim como está representado no filme, para as mesmas ganharem dinheiro para as suas necessidades básicas, tinham de muitas vezes se prostituir, pondo em causa de novo, os Direitos Humanos.

Joana Manso

Infelizmente esta tradição ainda perdura até aos dias de hoje em alguns lugares - na Índia, Uganda, Bósnia e Herzegovina - onde as viúvas são discriminadas. Os casamentos forçados são uma forma de violência praticada, na maior parte das situações, contra raparigas, retirando-lhes, de forma dramática, a sua liberdade, direitos, em especial a saúde sexual e reprodutiva e originando, invariavelmente, abusos e violência. Podemos resolver este problema criando instituições de apoio às jovens que são prometidas à nascença, e multar os pais que obrigam o casamento da filha com alguém com quem ela não se quer casar.

Para apoiar as viúvas, a ONU criou o Dia Internacional das Viúvas que é celebrado no dia 23 de junho. As Nações Unidas afirmam que esta data promove os direitos das mulheres que são “invisíveis e ignorados”.

Gaspar Pinto

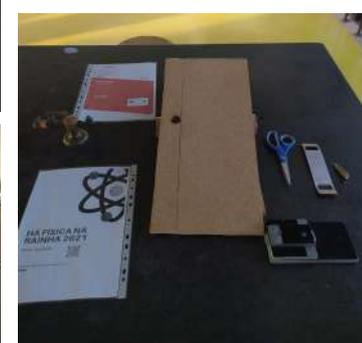
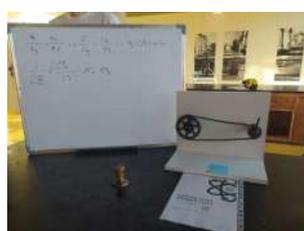
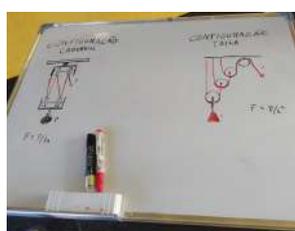
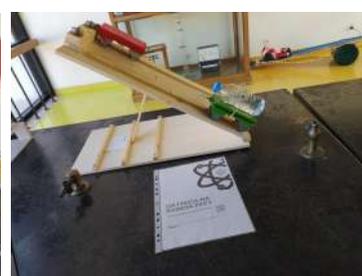
Há Física na Rainha

Sob este nome, decorre a apresentação dos trabalhos de projeto elaborados no âmbito da disciplina de Física, em parceria com DAC e Cidadania.

HÁ FÍSICA NA RAINHA 2021

Apresentação dos Projetos de Física 12º ano

14 dezembro, 8h30 às 10h e 11h30 às 13h15
15 dezembro, 8h30 às 10h
16 dezembro, 11h30 às 13h15
No átrio das escadas antigas!



O desafio de ter uma Escola Limpa

Na quarta-feira, dia 15 de dezembro de 2021, os alunos do 9.º da Escola Eugénio dos Santos fizeram parte da primeira brigada de intervenção a entrar em ação no ano letivo 2021/2022, no âmbito do projeto "Escola Limpa Tem Outra Pinta". Organizados por grupos, munidos de luvas e sacos de lixo, tínhamos como objetivo recolher o lixo que encontrássemos na área da Escola que nos foi atribuída.

Encontrámos, muitas máscaras no chão, devido à pandemia, mas não só, também pacotes de sumo ou de bolachas, talheres, garrafas de água, sacos de plástico, caricas, tampas de garrafas...

Este projeto tem como objetivo não só deixar a escola livre de lixo, para que se possa tornar num local mais agradável para Todos, mas também transmitirmos aos demais a importância de se preservar o Ambiente, através de Comportamentos Sustentáveis.



Plantação de árvores – Dia da Floresta Autóctone

No dia 16 de dezembro, entre as 10.45h e as 12h, teve lugar na nossa escola a atividade OFICINA DE PARTICIPAÇÃO: "AMIGOS DA NATUREZA - ÁRVORES PELA VIDA" com a plantação de 18 árvores autóctones.

Cada uma destas árvores foi plantada na presença dos representantes de turma do 2.º ciclo, respetivamente, delegado(a) e subdelegado(a).

Estas árvores foram oferecidas à Escola no âmbito da celebração do dia da Floresta autóctone celebrado no dia 23 de novembro pelo Departamento de Ambiente, Energia e Alterações Climáticas do Parque Florestal do Monsanto.



Conversa descomplicada sobre Saúde Mental

No dia 22 de fevereiro, o 11.º 9.ª participou numa sessão organizada pelo Instituto Português do Desporto e Juventude sobre saúde mental, um dos problemas mais preocupantes da atualidade, mas que passa despercebido muitas das vezes. O Programa Cuida-te +, que visa promover a saúde juvenil e estilos de vida saudável, é um dos muitos programas que o IPDJ desenvolve em prol dos jovens.

Esta sessão sobre saúde mental teve como audiência dezenas de jovens que estavam dispostos a aprender mais sobre o tema através de uma apresentação e conversa informal, daí o nome "Conversas Descomplicadas – conversa informal e sem tabus sobre saúde mental". Mesmo os jovens que já tinham conhecimentos sobre o as-

sunto beneficiaram desta sessão, dinamizada por psicólogas que souberam transmitir as informações essenciais para se compreender com clareza a importância dos cuidados com a nossa saúde mental.

Foi opinião unânime da turma que esta conversa que, à primeira vista podia ser aborrecida, foi, pelo contrário, bastante lúdica devido à interatividade com que a sessão se desenrolou. As dinamizadoras desta sessão deram a palavra a cada aluno que punha a mão no ar, pelo que os jovens se sentiram ouvidos e valorizados. Assim, ao possibilitarem este espaço de partilha, as psicólogas tornaram a sessão mais elucidativa e capaz de ressoar de forma mais profunda em cada aluno.

Esta oportunidade, proporcionada



pelo IPDJ, apresentou um mundo que era desconhecido para muitos de nós e ensinou-nos a ter cuidado não só conosco, para o nosso bem estar, como a ter em conta também a saúde mental daqueles que estão próximos de nós.

Pedro Baptista

Na aula de inglês, o 11º 4ª e o 11º 9ª refletiram sobre a valorização das diferenças culturais no mundo atual. Aqui estão algumas das reflexões:

A World of Many Cultures

Multiculturalism is, by definition, the existence of, or support for the presence of several distinct cultural or ethnic groups within a society. I, myself, see no harm in such practice.

Firstly, it has been proven times on end that cultural diversity is what gives way to success in a species survival. Cultural diversity is much akin to such. Had we all been born the same, humanity would have had a suffering existence. I believe that the comparison between customs and

cultures is of antique nature. However, there are still those who believe in a certain culture's supremacy and therefore cannot accept other cultures as equals, being unable to see any benefits to the part-taking in so.

Secondly, I'm of the opinion that living in a multicultural community brings no hardships whatsoever but the very opposite. As long as people can respect and understand each other that's what is most significant. Nevertheless, living in a multicultural community is a troublesome con-

cept for those who see long term changes therein. Those being, for instance, cultural assimilation. The fusion of cultures is something which is rather unappealing to some, since they fear the disappearance of their own.

To conclude, I stand with the view that it is possible to live in a multicultural society and that it is mostly beneficial.

Raquel Alexandra Silva Fung,

Multiculturalism is a growing reality in countries all around the globe that consists in the inclusion of people of diverse ethnicities, religions, races, traditions, culture, and nationalities in a certain society. I consider this form of heterogeneous societies to be more inclusive and interesting.

To begin, I'm of the opinion that immigrants, no matter what country they come from, should be welcome in the country they come from, should be welcome in the country they immigrate to. As we've seen with the migrants coming across the sea from war and poverty riddled countries to Europe, some politicians, as well as the citizens who elect them, choose to refuse help to these immigrants, exposing bigoted ideas such as "they come here to steal all our jobs" or that these people "are all terrorists". I firmly believe these opinions are repulsive and completely wrong. Many successful integrations of refugees have proved that crime rates don't go up, alongside the fact that there isn't a rise in unemployment for native citizens with these influxes of migrations.

A further argument against these prejudiced views is the basis that most European countries and others, such as the USA, were built

and after both world wars, were rebuilt by immigrant labour work, as national citizens couldn't manage to do so much work alone. I feel that, with this in mind, it's extremely wrong to deny aid to immigrants, when the countries these people lead were built by all these different people from diverse cultures and background.

Finally, I am convinced that multicultural societies, mainly those which can be described as "salad bowls" and "not melting pots" are the richest, most equal and inclusive societies, as they don't demand from their residents of different cultures than the locals to abandon their cultural identities and to morph together with everyone else assimilating the host country beliefs, religion and traditions, but instead, accept immigrants from who they are and what

their cultural identities are. Not only do immigrants get to maintain their beliefs and forms of expression of said beliefs and values, but they will also be able to live in a balanced society, where people from different origins coexist respectfully and beautifully. As I see it, this cultural value and education about others, through the existence of heterogeneous societies, provides its citizens with the truly complete and distinctive life experience and knowledge.

Bearing all this in mind, I strongly feel that multicultural societies are the future, as they provide people with an understanding of others with a lesson of equality and respect. We don't need to share the same culture with someone else to respect them.

Teresa Sá Machado



Educação Ambiental/Sustentabilidade

A sustentabilidade é uma preocupação constante nos dias de hoje, uma vez que os recursos naturais estão cada vez mais ameaçados por consequência da ação humana. As energias renováveis podem ser usadas como forma de desenvolvimento sustentável.

São cada vez mais evidentes os impactos negativos que o Homem provoca na natureza, sendo alguns deles: a poluição, a destruição de habitats, a acumulação de resíduos sólidos e a rápida diminuição da biodiversidade.

Uma das palavras mais utilizadas atualmente para falar de meio ambiente e dos impactos negativos causados é sustentabilidade que pode adquirir os mais variados significados. Em Biologia, por exemplo, relaciona-se com a capacidade que os ecossistemas têm de se recuperarem das ações do Homem. Também pode ser utili-

zada, juntamente com a palavra desenvolvimento. Neste caso, é necessário referir-se as maneiras de evitar o esgotamento dos recursos naturais e conseguir atender as necessidades da população atual.

Quando utilizamos os recursos naturais de maneira sustentável, por exemplo, eles conseguem manter-se por vários anos, não se esgotando facilmente. Assim, percebemos que um desenvolvimento sustentável é aquele que não provoca a escassez ou esgotamento de recursos e permite que estes atendam não só as necessidades das futuras gerações, mas também as nossas.

Concluindo, é bastante importante abordar o tema do desenvolvimento sustentável, uma vez que a cada dia que passa, vai havendo mais problemas ambientais que afetam a qualidade de vida do Homem, o que podemos ver em várias notícias de jor-

nais, ou até na internet, vários casos de desastres ambientais. Por isso, é necessário que haja uma análise feita por cada um de nós em relação aos gastos dos recursos que ainda nos restam. Devemos compreender que os recursos naturais podem acabar, e o seu uso inconsciente pode comprometer a vida das futuras gerações.

Mariana Lopes,



Parlamento dos Jovens... a tratar do impacto da desinformação em democracia

O IMPACTO DA DESINFORMAÇÃO NA DEMOCRACIA

PARLAMENTO DOS JOVENS secundário
30/31 maio | Palácio de São Bento

www.jovens.parlamento.pt

Parlamento dos Jovens

GOVERNO DA REPÚBLICA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
SECRETARIA DE ESTADO DA FAMÍLIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INFRAESTRUTURA
SECRETARIA DE ESTADO DA JUSTIÇA
SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
SECRETARIA DE ESTADO DA TURISMO
SECRETARIA DE ESTADO DA VIGILÂNCIA ECONÓMICA
SECRETARIA DE ESTADO DA VIGILÂNCIA AMBIENTAL
SECRETARIA DE ESTADO DA VIGILÂNCIA ALIMENTAR E FARMACÉUTICA

O é um Programa desenvolvido pela Assembleia da República que tem como objetivo incentivar os jovens a terem uma participação ativa na vida política, despertando o seu interesse por temas atuais.

Durante a campanha entre as listas concorrentes na nossa Escola, ocorreu um debate em que cada lista expunha as suas ideias e medidas em relação ao tema da edição 2022, a saber, “Fake News - O Impacto da Desinformação na Democracia”. Ao assistirmos ao debate aprendemos mais sobre o que é a desinformação e de que forma pode afetar não só a vida de qualquer pessoa mas também o regime democrático em que vivemos. Na nossa opinião foi uma experiência muito interessante que possibilitou aos jovens a oportunidade de expressarem a sua opinião sobre um tema tão atual como as fake news.

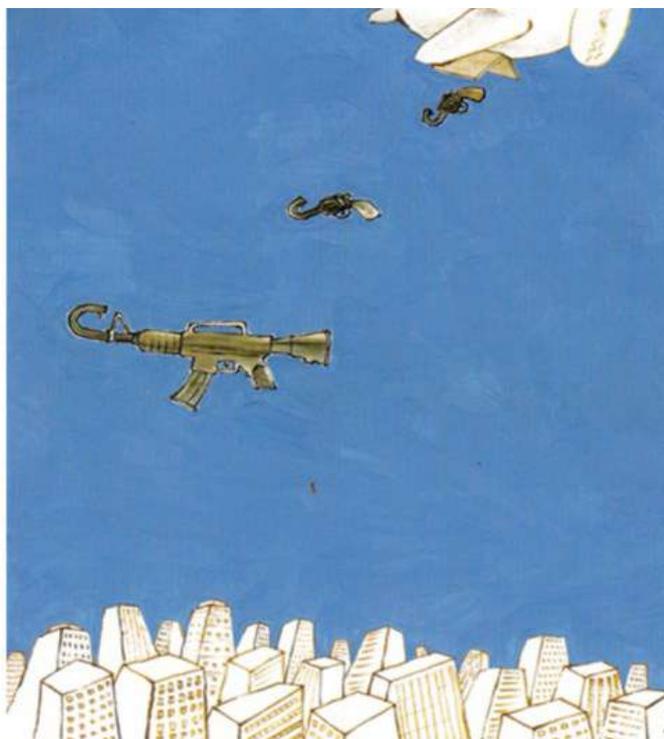
A participação no Parlamento dos Jovens foi, provavelmente, a primeira forma de intervenção política de muitos dos estudantes da nossa Escola e desenvolveu o nosso espírito crítico e o nosso espírito de mudança.

Gostámos muito de participar e de estarmos envolvidos neste projeto e foi uma experiência que gostaríamos de repetir.

Mariana Miranda

A propósito de armas para fazer a Paz.... a propósito de Impérios (o “Quinto”, neste caso!)

“A PAZ” e o “Quinto Império de Fernando Pessoa



Jota A. Paz,

in *World Press Cartoon*, Sintra, 2010, Lisboa, 2010, p.280

“O Quinto Império”

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz --
Ter por vida sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,
Europa -- os quatro se vão
Para onde vai toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?

Fernando Pessoa, Mensagem

Um avião (pomba da paz) sobrevoa uma cidade lançando armas que têm o cano retorcido. O “Quinto Império” de Pessoa é um império espiritual/cultural que surgirá do mesmo espírito que levou D. Sebastião à missão a cumprir.

Se, no cartoon, a guerra é uma impossibilidade porque as armas estão inutilizadas e, por isso mesmo tem que se fazer a paz, no poema de Pessoa, o “Quinto Império”, também, não é conseguido pela guerra. Todas as armas terão o seu cano retorcido, pois o objetivo a alcançar tem de partir das almas de cada um.

Assim, este cartoon é uma metáfora antiguerra, ou seja, o “teatro do dia claro” será com base na paz e esta é a única forma de alcançar a prosperidade e o progresso.

João Leitão

Vemos armas a cair de um céu azul sobre uma cidade. São armas lançadas por uma pomba da paz (que parece um avião, ou um avião que parece uma pomba). Os canos dessas armas estão retorcidos.

Jota A. ironiza com o uso de armas e a violência para trazer a Paz! Que contradição! O mundo evoluiu já está todo descoberto e sabemos disso! Todos conhecemos a História, mas voltamos sempre a cometer os mesmos erros, pensamos que para sermos grandes/relembrados temos de deixar uma marca, construir um Império como antigamente, como a grande Alemanha de Hitler ou a URSS de Putin.

A Fernando Pessoa não interessam armas, exércitos, Impérios tradicionais, o que é verdadeiramente impor-

tante é a cultura e tem pena “de quem vive em casa contente com o seu lar”; para ele, “Ser descontente é ser homem”, mas este descontentamento é aquele que obriga a levantar e a lutar não contra outros povos, religiões, mas contra a inércia, contra o nosso “eu” do passado.

Na verdade, a culpa não é das armas, nem de quem as usa efetivamente, a culpa é das palavras das ideologias, palavras mal ditas, mal interpretadas por quem tem poder que implanta e alimenta o ódio. Somos passageiros da vida, mais uma ovelha do rebanho, temos que parar, refletir e, ser melhores do que ontem!

Salvador Brito

Na *Mensagem* de Pessoa, o poeta olha com nostalgia e desalento para um passado com glória que contrasta com a época em que vive e onde impera a falta de identidade e de valores. O esquecimento de um passado sublime faz com que se exalte uma pátria decadente, mas berço de um povo escolhido para cumprir um desígnio divino do *Quinto Império*.

É impossível não encontrar pontos comuns com os tempos conturbados que vivemos e que ficarão inevitavelmente inscritos na História como um dos períodos mais negros da era contemporânea.

Esta nova idade das trevas entra, agora, pela nossa casa adentro e de forma ininterrupta através dos Média. Neste cartoon, tão atual, as fronteiras físicas diluem-se e somos rapidamente transportados para cenários de guerra. Reconhecemos uma arma, um míssil, uma cidade prestes a sofrer uma catástrofe. Subitamente, sentimos na pele o sofrimento e a angústia dos que estão presos numa luta de *egos*, reféns dos que detêm o poder político, económico e bélico.

Na base daquilo a que assistimos hoje está a mesma nostalgia de um império, russo, por acaso, cuja reconstrução está a ser levada a cabo por Putin (um dos poderosos de que falamos atrás). Mas, há diferenças – Pessoa eleva, pela palavra dita poética, o povo português a um

plano redentor e salvador do mundo, Putin não se coíbe de massacrar um povo para concretizar uma ambição pessoal, escudando-se na crueldade da propaganda de palavras ditas e impondo o medo.

A imagem e a palavra são armas e, perversamente, uma faca de dois gumes. Por um lado, são utilizadas como instrumentos de propaganda, formando opiniões, moldando consciências. Por outro lado, despertam no cidadão comum a empatia, perante o que ouve, vê e lê.

O cartoon de Jota A. recorda-nos que somos simples peças num tabuleiro de xadrez, presos na armadilha do medo das armas nucleares, de atos erráticos e narcísicos dos que têm poder para destruir a humanidade.

Em suma, se Pessoa estivesse aqui agora, talvez reconhecesse no povo português o espírito messiânico que colocou nos verso da *Mensagem*., talvez se orgulhasse de valores que, mesmo, apesar de tudo, prevalecem e estão na base da solidariedade entre os povos e que testemunhamos diariamente. A palavra, que é recurso do Poeta, é intemporal, impulsiona a ação em nome do bem comum e pode ser mais poderosa que uma bomba atómica. Como diz no poema “Nevoeiro”, último poema da *Mensagem* “É a Hora!” e é sempre a hora de fazer a Paz.

Mariana Palma

Inverno Ucrainiano

A primavera aproxima-se, mas os dias que correm ainda são de inverno.

Mas porquê?

Por que é que os dias ainda são pesados?

Porque carregam com eles notícias deprimentes vindas da Ucrânia.

Por que é que os dias ainda são cinzentos?

Porque as cinzas pintam os céus das cidades ucranianas que ardem.

Por que é que os dias ainda são chuvosos?

Porque caem lágrimas dos rostos dos pais que viram morrer os filhos.

Por que é que os dias ainda são ventosos?

Porque se ouvem os gritos de guerra de quem nem sabe pelo que luta,

E os de desespero de quem já não tem mais forças para se defender.

Mas os últimos não se ouvem, sentem-se. Arrepiemo-nos!

(Mas... pelo menos.... já se veem flores...)

ou as das sepulturas dos inocentes mortos não contam?



Maria Laura Fernandes



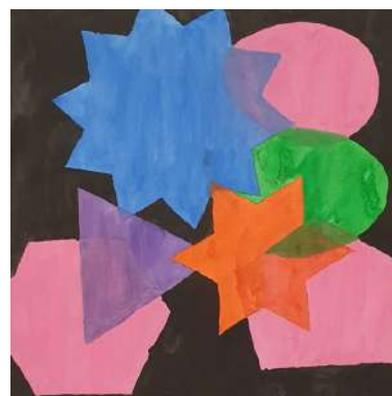
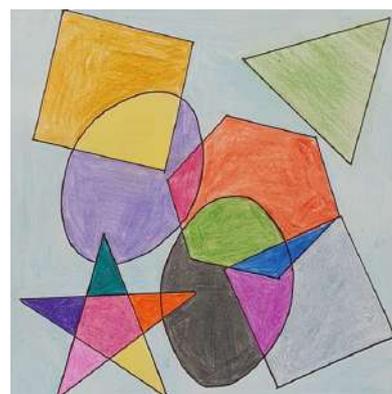
EB Coruchéus - Projeto Pequenos e Grandes Artistas - 4º Anos

NOITE DE INVERNO

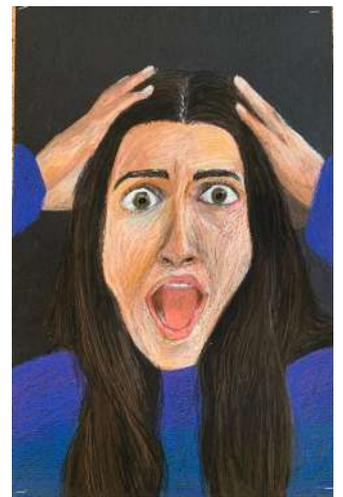
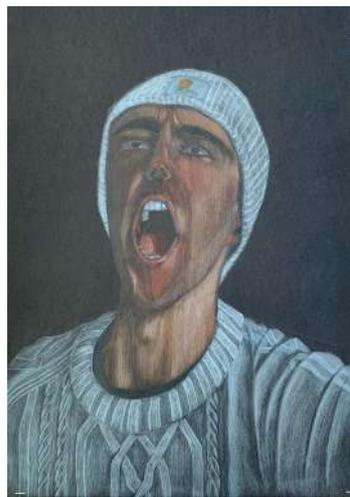
O inverno que nos convida a regressar mais cedo às nossas casas.
Das janelas observamos o final do dia, que se transforma em noite.
Contamos as estrelas e sonhamos...



Composições utilizando formas geométricas elaboradas por alguns alunos do 7º ano da Escola Eugénio dos Santos, na disciplina de Educação Visual.



Os alunos do 11º10ª, Carmo, Martim, Raquel, M. Madalena, M. Beatriz, Filipe, Inês, Carolina, Carlota, Anhelina, Eva e Rafaela, utilizaram os seus rostos para trabalharem diferentes expressões. Tenta descobrir as emoções por trás de cada um deles.



SIM, SOU LIVRE!

Sou livre
 como as estrelas adormecidas
 como o sol a espreitar de manhãzinha
 como a lua a espreguiçar-se ao anoitecer.
 Sou livre
 como um pássaro que me acorda cedo.
 Como o vento. Como a chuva que não pede licença e vem.
 Como a lareira que arde em noites frias.
 Como o cheirinho a pão torrado que se espalha pela cozinha.
 Sou livre!
 Sou livre
 como um dente de leão nascido no campo.
 Como uma águia que sobe no céu.
 Como uma folha que cai num dia de outono. Sou
 ou livre como as nuvens que brincam às escondidas no céu.
 Como uma flor que desponta no alcatrão.
 Como um peixe no mar azul.
 Sou livre
 como um barco que se arrasta no alto mar.
 Sou livre
 como um rio que corre serra abaixo.
 Sou livre
 como as maçãs que se despegam da árvore e tombam no chão.
 Sou livre como uma nota de música que baila num piano.
 Como um livro que se pode folhear junto à praia.
 Como um sonho que vive na minha imaginação.
 Sim, sou livre!
 Sou livre como uma pena que se desprende e voa...
 como uma jóia roubada do seu cofre...
 como uma nave espacial que voa no universo.
 Sou livre!
 Sou livre como uma estrela que brilha no espaço.
 Como o mar que me faz descansar.
 Sou livre
 como uma borboleta...
 como uma semente que nasce no campo
 como um pincel que desliza na tela.
 Sim, sou livre!!

7º 4

**Liberdade**

Liberdade é um campo de papoilas vermelhas sacudidas ao vento.
 É um mar de girassóis a perder de vista.
 É trigo queimado pelo sol de agosto.
 Liberdade é o mar revoltado em dias de inverno.
 É giestas e macieiras em flor.
 É a nossa imaginação a espreguiçar-se.
 Liberdade é ouvir a chuva a bater nas vidraças numa tarde de domingo.
 É adormecer com o riso das estrelas à noitinha.
 É sentir o vento no rosto quando se acelera a moto, quando se domina um cavalo num campo verde.
 Liberdade é praia.
 É por do sol.
 É estar com amigos ao fim do dia e poder dizer tudo, sem medos.
 Liberdade é o vermelho e verde da nossa bandeira.
 É canção. É alegria. É sorrisos.
 É luz entre a escuridão.
 É paz. É igualdade. É pão.
 Liberdade é um campo salpicado de malmequeres brancos e nuvens a brincar num céu azul.
 É uma ilha deserta. É pássaro que voa livre e destrói gaiolas.
 É viajar sem rumo. Sair de dentro de nós, por nós.
 Liberdade é relâmpago que ilumina a noite. É saber dizer as palavras para conquistar o coração.
 É amar os outros por igual.
 Liberdade é a chave de todas as portas.

9º F

**Flutuando**

Sinto-me a flutuar. Flutuo entre tempos e acontecimentos, entre desejos e arrependimentos. Flutuo em linha reta, mas mesmo assim sem direção. Flutuo entre conversas e risos, entre corredores e avisos. Flutuo entre vidas cheias de paixão, vidas assoberbadas com o peso da relação. Flutuo entre espaços que conheço, que desconheço, de formas dúbias como vultos. Flutuo, mas não me encontro perdida. Sei que o Norte se encontra em algum lado, que o chão deveria estar abaixo de mim, que as aves voam ao nível das nuvens. Mas se olhar para o Norte, não sei para onde olhar, se olhar para baixo, não encontro chão, se olhar para as aves, não as vejo, nem as nuvens. Mas não me encontro perdida. Como poderia? Como poderia estar perdida num mundo onde a bússola é o GPS, num mundo onde fronteiras estão delimitadas, num mundo onde tenho nacionalidade e pertença a um país? Mas pertença? Se há coisa que não sinto é um sentimento de pertença, nem sentimento de presença. Sinto a presença nula da minha existência nas vidas que me rodeiam, e na minha, nem a minha presença sinto. Por isso flutuo. Flutuo entre pensamentos e sonhos, entre tempos e fronteiras. Flutuo entre alegrias e tristezas até encontrar algo a que pertença, ou que me pertença a mim. Mas como dizia, eu flutuo, mas não me encontro perdida. Como poderia?

Íris Dias Ribeiro

Começa o Carnaval.
As pessoas saem à rua,
Riem-se muito.
Na janela oiço os tambores.
Adoro os disfarces.
Vejo serpentinas no ar.
Alegria em todo lado.
Lá vão as pessoas felizes e entusiasmadas.

André Calisto

Com as amigas vamos festejar .
A família connosco está.
Risos vamos ouvir.
Na noite, serpentinas vamos espalhar.
Animação no ar.
Várias pessoas na multidão.
Amizades vamos construir.
Laços vamos criar.

Mariana Bernardino

Carnaval

Carnaval, tudo se pode fazer que ninguém leva a mal!
Andamos todos mascarados.
Rimos todos juntos
Neste dia especial.
Andamos todos divertidos,
Vamos todos celebrar
A alegria de estarmos juntos,
Lantejoulas e serpentinas dançam pelo ar.



Uma data especial

Começa com todos mascarados e
Alegres, nunca ninguém está a
Ressonar ou a dormir.
Nunca ninguém está triste, estão todos
Ansiosos, pois
Vão desfilar pelo pátio e
Amanhã se vai saber o vencedor

Carnaval é alegria, é festa popular.
Aproveite o feriado para brincar ou descansar!
Rimos às gargalhadas.
No Carnaval ninguém leva a mal!
Ao som de músicas animadas,
Vão todos pular e dançar.
Animação e diversão.
Logo a fantasia se vai rasgar e a rotina continuar.

Matilde Santos

Como uma época festiva,
Algo mais do que especial,
Retenhamos que esta época
Nomeia-se Carnaval.
Alvorada até à noite
Vão os desfiles passar.
As serpentinas e os confettis
Logo a todos vão agradecer.

José Ortigão

Cores e serpentinas,
As fantasias e disfarces,
Rapidamente o dia passa.
Num sonho estamos.
Alegria e animação.
Vamos festejar.
A palavra que no Brasil quer dizer
Loucura.

Ana Cid

Belo Carnaval
Celebramos mascarados!
Adoramos nos mascarar!
Rimos muito!
Nada nos faz mais feliz,
Andar por aí a
Ver os fatos dos
Amigos enquanto
Lá desfilamos.

Mafalda Freire



Carnaval
Com a chegada do Carnaval,
Anda toda a gente numa grande alegria.
Risos e gargalhadas não faltam!
No Carnaval é sempre uma festa!
As serpentinas e os confettis dão animação.
Veja-se e sinte-se a emoção!
Alegria, música, máscaras e confusão.
Lado a lado dançando e dando a mão.

Sofia Lobo

Carros alegóricos por toda a parte.
Acaba com a tristeza.
Reina a alegria.
Navega na fantasia.
A dança se espalha.
Vou a todos os espetáculos possíveis.
Avenida paulista cheia.
Lindas máscaras coloridas.

Nicole Almeida

A Grande Entrevista, (Programa da RTP) com Nuno Maulide

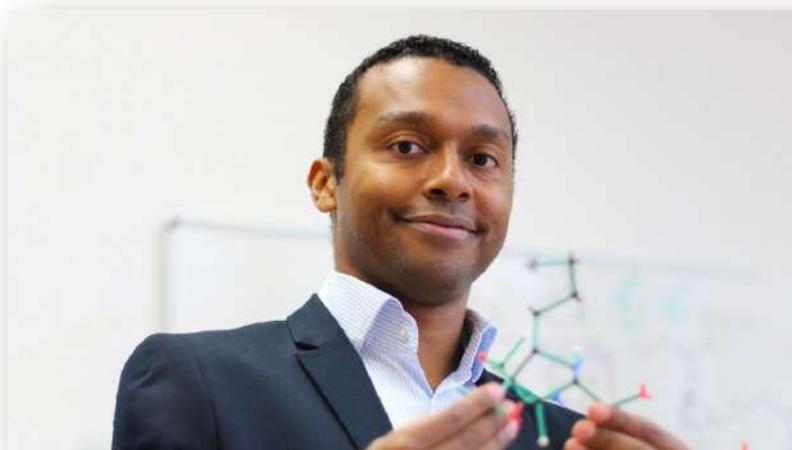
“No dia 17 de dezembro de 2018, acabado de embarcar num avião com destino a Viena e minutos antes da descolagem recebo a chamada de um número que não conhecia. Do outro lado da linha, uma voz em alemão anunciava que eu acabara de ser eleito “cientista do ano” pelo Clube de Jornalistas de ciência da Áustria. A mesma voz explicaria ainda claramente que o galardão nada tinha que ver com excelência científica - mas sim com excelência na comunicação de ciência e na divulgação para o grande público.”

Nuno Maulide, in prefácio de Como transformar ar em pão, p. 15

Todas as semanas a RTP3 publica uma entrevista no âmbito do seu programa Grande Entrevista. O entrevistador é sempre Vítor Gonçalves e o entrevistado é «um protagonista da vida portuguesa». Na entrevista publicada a 29 de dezembro de 2021, a última Grande Entrevista do ano, o entrevistado foi Nuno Maulide, um químico português, ou mais, um apaixonado pela química.

Maulide nasceu em Lisboa, em 1979, tendo hoje 42 anos. Em jovem, Maulide fez o ensino secundário regular na Escola Secundária do Lumiar enquanto estudava música no Instituto Gregoriano de Lisboa. O seu sonho de jovem era ser pianista profissional. Como tal, terminado o ensino secundário, ingressou no primeiro ano da Escola Superior de Música de Lisboa. Foi durante este ano que se apercebeu que aquele não era o lugar certo para ele. Como o próprio explica, «há algo que se perde quando um hobby se transforma numa obrigação». Por este motivo, no ano seguinte colocou medicina nas suas duas primeiras opções, confiante da sua entrada. Porém, o destino tinha outros planos para Maulide e este acabou na sua terceira opção: química. Por isto, Maulide afirma «a química escolheu-me e eu fui atrás dela». De certa forma, a história de Maulide corrobora a ideia de que tudo acontece por uma razão.

Maulide estudou Química no Instituto Superior Técnico, onde, no segundo ano de licenciatura, se apaixonou «à primeira vista» por química orgânica. Aliás, Maulide admite que foi precisamente o aspeto estético do desenhar das moléculas que o atraiu. Obcecado com a ideia de aprender mais sobre o tópico, partiu para Paris para fazer um mestrado em Química Orgânica (na École Polytechnique). De seguida, fez o seu doutoramento



na Universidade Católica de Louvain e uma pós-graduação na Universidade de Stanford.

Maulide foi nomeado líder de grupo no Instituto Max Planck. Atualmente, Maulide é professor catedrático na Universidade de Viena, cidade onde vive com a sua mulher farmacêutica. Entretanto, já recebeu várias bolsas que financiam a sua pesquisa, tal como inúmeros prémios; nomeadamente o prémio austríaco de cientista do ano, e o prémio Lieben (ambos em 2018). Para além disto, foi recentemente publicado o livro da sua autoria intitulado *Como se transforma ar em pão?*, cujo título é meramente metafórico, como Maulide esclarece.

Inegavelmente, é o facto de ser um cientista tão sorridente, natural e espontâneo, sempre disposto a explicar química ao público, que o leva a destacar-se dos seus pares na comunidade científica. Ao longo da entrevista Maulide demonstrou uma postura alegre e interessada; conferindo à entrevista um ambiente relaxado e cativante. Por exemplo, a entrevista foi introduzida com a análise das expressões «química entre as pessoas» e «amor à primeira vista», às quais muitos cientistas talvez tivessem respondido, seriamente, que tais ideias são disparatadas, mas Maulide brinca

e carinhosamente diz que foi o segundo caso que deve ter acontecido entre ele e a sua mulher. Ainda assim, Maulide não deixa de parte o seu dever científico, prosseguindo a explicar que existem processos químicos que decorrem no cérebro humano que leva as pessoas a dar-se melhor com umas do que com outras.

A eficácia em comunicar com o público e a importância de partilhar “o que é a química” com outros fora da comunidade científica é outro dos tópicos abordados na entrevista. Maulide está consciente da falha existente na capacidade de os químicos conectarem com o público, sabendo ainda que a opinião pública sobre a química é negativa. Segundo Maulide, tal deve-se não só a contactos passados com a química escolar, mas também com o facto de, ao não haver iniciativa da parte dos cientistas, a opinião pública sobre química ter sido totalmente deixada ao cargo dos jornalistas. Estes, devido à dificuldade em escrever sobre química quando algo benigno ocorre no campo, focam-se apenas nos desastres sensacionalistas. Talvez seja devido a esta consciência que Maulide se foca tanto em comunicar e partilhar química com os “analfabetos da ciência” através de livros e entrevistas, algo que faz com

(Continua na página 21)

(Continuação da página 20)

sucesso, visto que não só já lhe foram atribuídos vários prémios de comunicação científica, como também afirma «ter sido feito para ser professor».

Curiosamente, Maulide refere vários nomes de diferentes professores que teve ao longo da sua vida de estudante, o que considere particularmente interessante, pois o facto de este ainda se recordar deles anos depois, realça o impacto que um profes-

sor pode ter no futuro de um aluno.

Nesta entrevista, Maulide não menciona apenas a mulher, mas também a restante família. O pai, de Moçambique, e a mãe, de São Tomé, são ambos médicos que se conheceram em Portugal, onde construíram a sua família. (...) Nasceu e foi educado em Portugal, tendo vivido um pouco por toda a Europa. Apesar de, como o próprio admite na entrevista, ter sido educado através das normas de uma

família europeia, os pais sempre o fizeram manter contacto com as suas origens africanas e com a numerosa família que permanece no continente africano.

(...)

A RTP3 não poderia ter escolhido um «um protagonista da vida portuguesa» mais interessante, culto e cativante para terminar o ano em grande, com uma Grande Entrevista.

Maria Laura Fernandes



Comunicar ciência pode ser um grande desafio. Por vezes não é simples explicar o porquê de uma certa reação química como o céu ser azul, mas, é sabido que, para compreender o mundo à nossa volta é muito importante que o tentemos perceber. É essencial transmitir a ciência intuitivamente pois, só assim, poderemos ter a confiança da sociedade nas instituições científicas que, maioritaria-

mente, têm como função cuidar e preservar da espécie humana, do meio ambiente e do ecossistema que nos rodeia.

Desde cedo que o nosso corpo começa a interagir com a ciência. A química, a física, a biologia e até, as ciências não exatas como a filosofia, a história ou a sociologia, permitem e desencadeiam a constante mutação, física e emocional, a que o ser humano está sujeito. Com o evoluir das tecnologias, a ciência tornou-se acessível a quase toda a sociedade, em que qualquer um pode ter à sua disposição uma notícia, um artigo ou, simplesmente, um vídeo informativo. No entanto o conteúdo nem sempre é fidedigno e, como tal, é de extrema importância que, por um lado, se leia ou ouça com atenção os artigos e se averigue se a fonte é confiável e, por

outro lado, que o interlocutor responsável por transmitir tal informação tenha uma linguagem clara e entusiasta, suscite curiosidade, estimule o aprofundamento dos conhecimentos e motivação em ciência, e que não permita segundas leituras que possam ser enganadoras e, até, falsas.

Assim, comunicar ciência é muito mais do que apenas saber ou ser um muito bom matemático ou um excelente químico, pois para que a sociedade avance e saiba de facto quais as vantagens do estudo e investigação científica, é também importante discuti-la, analisar diferentes pontos de vista, explicá-la à comunidade e saber cooperar de modo que se criem melhores e mais dinâmicos resultados finais.

Maria Ferreira

O ser humano atingiu o nível seguinte de comunicação, a capacidade de interação instantânea sem importar a distância e de livre acesso. Terá sido isto uma mais-valia?

Para respondermos à questão temos que entender os fatores positivos e os negativos. Desde a existência da divulgação “online” de dados, a transferência de conhecimentos científicos nunca tinha sido tao rápida e útil, já que dentro dos fóruns dedicados a isso, vários cientistas, ou qualquer civil com conhecimento na matéria pode, tanto obter essa informação como refutá-la, se a achar equivocada, como poder adicionar detalhes. Obviamente que isto não só se aplica aos conhecimentos científicos, também sites e empresas como Twitter, Facebook, Reditt, etc. aproveitam este avanço tecnológico para criar uma

plataforma onde qualquer pessoa pode publicar o que quiser, tentando respeitar ao máximo as regras de conduta na internet.

Embora as telecomunicações tenham um grande impacto positivo na sociedade, o facto de serem de livre acesso também tem um lado negativo e menos bom pela malícia com que algumas pessoas a usam ou intencionalmente, ou porque não sabem o que estão a fazer. Problemas como o chamado “ciberbullying” onde a internet, mais especificamente, as redes sociais, são usadas para atacar, com ameaças, insultos ou como método de chantagem, como também as “fake news” que trata da divulgação de informação falaciosa, fazem a comunicação à distância parecer uma má invenção o que não é de todo verdade. As pessoas que usam mal as redes sociais, e embora isso seja motivo de preocupa-

ção, não deixam de ser uma minoria incapaz de se sobrepôr às mais-valias que a Internet proporciona à maioria.. Parece-me fascinante o muito que se pode alcançar em pouco tempo com a ajuda da troca de informação à distância.

Em suma, a resposta à pergunta inicial é um grande sim. Chegamos a um ponto onde o avanço é irreversível, e por isso, o melhor que podemos fazer é aproveitá-lo ao máximo.

Pedro Vasquez



Informação/Desinformação

É incontestável que o progresso tecnológico que se tem dado nas últimas décadas tem trazido consigo uma maioria de aspetos positivos. Todavia, a geração presente, e mesmo as futuras, terá de lidar com a desinformação consequente desta globalização e facilidade de comunicação recentes.

A informação traz a si agregada a desinformação, pois qualquer tema é motivo de manipulação ou mentira para que alguém tire proveito da ilusão dos outros. As redes sociais têm vindo a ser cada vez mais, e a uma escala mais assustadora, um dos maiores transmissores de falsidades e difamação. E o problema reside no facto de que, com as redes sociais, a partilha de informação falaciosa se tornou num ciclo, o qual é difícil de identificar. Ou seja, são as próprias pessoas a ser enganadas que repartem informação enganosa a uma velocidade que torna, depois, difícil o

reconhecimento do autor do ato. A maioria das pessoas não confirma a veracidade dos factos antes de os transmitir aos demais. No entanto, é verdade que quem o faz pode ser levado pela emoção de querer ajudar e informar, acabando por fazer o oposto. Como exemplo disso, existem as angariações de fundos por causas falsas ou a propagação de notícias comoventes de modo a difamar um grupo, país, ou entidade inocente, apelando à sensibilidade do público.

Muita gente serve-se destes esquemas para conseguir o que mais deseja na vida. Infelizmente, não são apenas as pessoas com menor visibilidade que o fazem. Também grandes figuras poderosas, como políticos ou as próprias empresas de comunicação manipulam a seu favor para atingir determinados objetivos. Em 2016, nos Estados Unidos da América, meses antes das campanhas eleitorais, a empresa inglesa Cambridge

Analytica ajudou Donald Trump a vencer as presidenciais através de estratégias de manipulação dos eleitores. Algumas dessas estratégias incluíram a recolha de dados de milhões de cidadãos de forma a enviar mensagens específicas dependendo do seu perfil político, favorecendo assim o candidato republicano. Tal como neste caso, existem muitas outras situações onde isto acontece que põem em risco o voto livre e consciente.

No fundo, a população deve estar informada sobre o que lê e partilha na internet. Há que combater a desinformação, seja ela propositada ou não, sendo que é cada vez mais comum nos dias correntes. A ignorância, as mentiras e a difamação devem ser eliminadas para que seja garantida a honestidade e liberdade em Democracia.

Maria Azenha

Os Efeitos das “Fake News” na Democracia



Agora mais do que nunca, tendo como principal alvo os países desenvolvidos, as Fake News têm representado um problema real para a nossa sociedade.

Com o intuito de espalhar informação enganosa, as notícias falsas são uma das consequências da alta velocidade com que se obtém a informação, da divulgação de notícias ao segundo e do acesso generalizado à internet com uma rapidez nunca an-

relação ao governo e semeando o ódio e o medo necessários para o crescimento de movimentos populistas e extremistas. Felizmente, esta pode ser limitada, não só através da criação de medidas que fiscalizem a comunicação social e principalmente as redes sociais mas também sensibilizando para este vírus crescente, ensinando como identificar, denunciar e questionar estas notícias, desenvolvendo um espírito crítico.

tes vista.

A disseminação de notícias falsas traz ainda vários efeitos prejudiciais para a democracia criando um sentimento de descrença e dúvida em

Na verdade, grande parte dos seus efeitos podia ser limitado se as pessoas procurassem ler o conteúdo além das manchetes bombásticas, não seguissem as notícias sensacionalistas e assistissem aos jornais que se importam com criação de uma plataforma transparente, verdadeira e de confiança em vez de com as audiências televisivas. Desta forma, o impacto que as notícias enganosas têm no sistema político, na democracia e na forma como as massas agem e pensam, diminuiria significativamente.

Em suma, ainda que as fake news representem inegavelmente um obstáculo ao progresso e à paz, cabe a cada um de nós fazer a sua parte para manter as nossas redes e conversas, quer em espaços físicos quer nos media, reais e compostas por informação exclusivamente segura e verificada.

Inês Costa

Impacto da Desinformação na Democracia

A mudança inevitável e inerente à humanidade traz situações que põem em causa a compatibilidade entre certas áreas comunitárias de relevo. Ora, este é o caso do progresso dos sistemas de informação e do regime democrático na medida em que a manipulação de informação se opõe aos valores democráticos de transparência e aos direitos individuais que possuímos, concretizando uma iniludível ameaça à democracia.

Frequentemente, estamos sujeitos a informação falsa ou enganosa e, dado o nosso contexto sociocultural ter vindo a incutir-nos na partilha e comunicação imediata, hiperbolizamos e viabilizamos a disseminação deste género de informação. De modo que o nosso recorrente contacto com uma realidade falsa escala numa descrença generalizada no sistema democrático. Isto é notório pela, cada vez mais evidente, desinformação veiculada por figuras públicas de renome que se traduz em insegurança nas populações (até) nas instituições nacionais mais prestigiadas e antigas, deixando o comum cidadão perplexo com a questão: então em quem poderei acreditar? Especificamente, surge muitas vezes em discursos polariza-

dos extremistas relativos à imigração, proteção social e à saúde sob a forma de uma linguagem simples com soluções irrealistas, porém tentadoras.

Evidentemente, ao perceber uma discrepância tão significativa na obtenção de conteúdos informativos relativamente à sua veracidade surge uma incontável procura por domínios que a assegurem, resultando numa fuga à realidade desconfiável em que vivemos, uma fuga, no fundo, à democracia. De maneira que, tendencialmente, essa fuga pode, por exemplo, culminar em regimes apelativos que aparentem proporcionar a transmissão verdadeira de informação, podendo, no entanto, ser mais autoritários e extremistas, desrespeitando, assim, o nosso direito a informarmo-nos devidamente e ao voto consciente, lúcido e imparcial.



Em suma, a desinformação e a sua propagação exponencial consagram num perigo dramático para a democracia que deverá ser urgentemente ouvido e atendido. Logo, qualquer democrata tem a basilar responsabilidade de criar mecanismos de combate às notícias falsas, defendendo o sistema equitativo e benéfico a que chamamos democracia.

Beatriz Soares

Nos dias que correm, é indiscutível o facto de estarmos sujeitos a uma proliferação de informação, porém, ironicamente, nunca estivemos tão mal informados. A disseminação deliberada de desinformação, particularmente online, gera uma preocupação extraordinária. Isto deve-se, sobretudo, aos seus potenciais efeitos na opinião pública, à polarização política e, em última instância, à eventual influência na tomada de decisões democráticas.

A informação nunca nos foi tão acessível, sujeitando-nos a uma imersão furtiva de inverdades. A incerteza é instalada sobre a forma de “Fake News”. Estas alimentam movimentos

populistas, que satisfazem a avidez agressiva de um público pouco informado, difundindo informação falsa, com o único propósito de cativar a opinião pública, por forma a satisfazer interesses pessoais, políticos ou económicos, de cariz duvidoso.

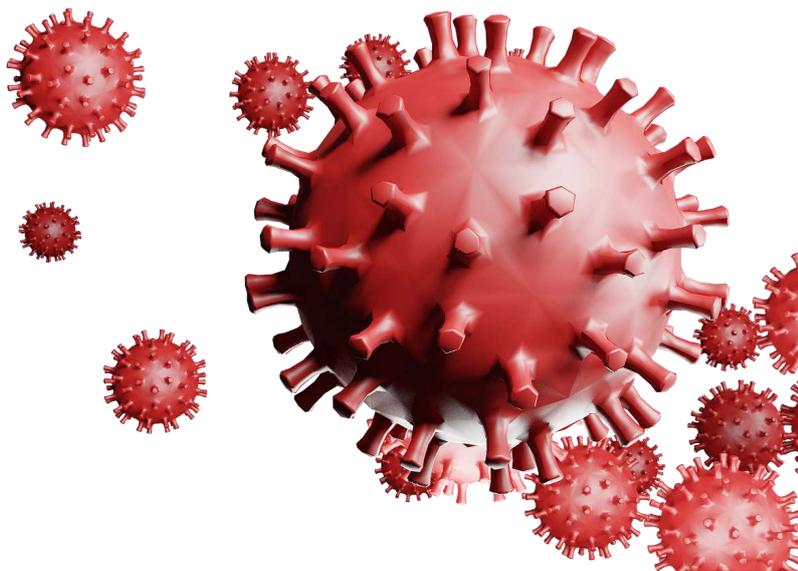
Os efeitos nefastos da desinformação na tomada de decisões educadas dos cidadãos são claros. São exemplo disso, a ascensão de movimentos de extrema-direita, que se apoiam na estigmatização de determinadas etnias ou de emigrantes com diferentes crenças religiosas. Porém, numa perspectiva mais otimista, podemos afirmar que a desinformação poderá não ter impacto suficiente para pôr em perigo a democracia. Por exem-

plo, a maioria da população optou pela vacinação, não obstante a mobilização dos movimentos negacionistas e, nos EUA, Trump não foi eleito para um segundo mandato.

Em suma, a melhor arma contra a desinformação e o garante da integridade democrática, crucial para o bom funcionamento da sociedade, radica na educação dos cidadãos. Incentiva-se a criação de uma opinião informada, apoiada por órgãos de comunicação social fidedignos. É crucial uma atitude crítica, bem como uma posição sustentada em factos verificados.

Mariana Palma

Novelas da Vida



Novelas portuguesas falam de imensa coisa, com certeza. Passam do Joaquim trair a Maria, a referências de uma pandemia. Não é invulgar incorporar-se aspetos do dia-a-dia, mundiais ou não, nas novelas que ilustram a televisão (sim, as típicas novelas de fim de tarde ou de noite, não as novelas escritas, os textos literários que pertencem ao modo narrativo). Diria ser mais invulgar incorporar as novelas nas notícias do telejornal, nas conversas entre “Como estás?” e “O que é o jantar?”. Esta forma verbal do verbo dizer assenta como uma luva, pois eu diria, não digo. Diria, se não víssemos o que vemos no tempo presente, mas como mantenho os olhos abertos, tenho então de dizer.

Começou tudo com uma pandemia (sendo o tudo relativo, pois certamente outros aspetos terão afetado o mundo, mas ou não era nascida, ou simplesmente, fui afetada pela idiotice da adolescência de não prestar atenção às notícias). Não foi, inicialmente, tratada como uma novela esta doença, se assim a posso tratar na minha iliteracia, até houve bastante preocupação continuada, durante quase dois anos na verdade. Claro, desculpando os primeiros meses de que as máscaras davam uma falsa sensação de segurança, que a melhor vacina era beber lixívia...enfim. Como estava a dizer, houve bastante preocupação enquanto os números de infetados subiam, os telejornais

mostravam gráficos de algo que não entendíamos, mas rapidamente se tornou num ato, se assim o posso dizer, de diversão. Antes de me caírem em cima, deixem-me que vos explique. Rapidamente eram postas apostas de qual o número de infetados e de mortos naquele dia, vivia-se a vida à volta daquela pequena euforia que vinha com o telejornal. Mas estas apostas não foram assim tão viciantes, foram fáceis de abandonar, ao fim destes dois anos, e com ajuda da amnésia que deve afetar grande parte da população, as máscaras desceram do topo do nariz, para os lábios, para o queixo. Quase como de forma poética, este posicionamento das máscaras acompanhou o desinteresse e repulsa de falar de uma pandemia que já passou de moda, porque sendo sinceros, se algo está nas lojas há tanto tempo como este vírus, é bom que esteja em saldos, ou não sai das prateleiras. Claro que houve umas novas coleções, umas variantes, que se esforçavam como umas mulheres da vida para ter a atenção devida, mas se a tiveram, não foi por muito tempo.

Na realidade, não houve muito tempo para aproveitar esta falsa sensação de serenidade, começou uma guerra que ocupou a mente e a televisão de todos. Viam-se os gráficos de números de infetados a serem substituídos por mapas de fronteiras, viam-se as imagens de produção de vacinas a serem substituídas por algo

para o qual não existem antídoto: a maldade humana. No meio de tanto sofrimento mostrado, no meio de tantas famílias destruídas, conseguimos tornar esta guerra numa novela. Ocupam-se os noticiários com as imagens chocantes, mas logo de seguida vêm uma novela portuguesa. No rádio, fala-se do número de mortos e destruição na Ucrânia, mas logo de seguida é substituída por uma música com asneiras. Compreendo que não se pode estar sempre a falar da mesma coisa, porque já bastou isso acontecer com a pandemia, mas parece que falta um pouco de respeito e de integridade neste mundo que nos rodeia. Usa-se a guerra como uma pausa no nosso dia, quase como se para nós fosse uma distração: intervalos antes repletos de conversas alheias estão agora num turbilhão de atualizações de notícias. Estas conversas de dez minutos (retirando aqueles cinco minutos de sair da sala de aula e de nos dirigirmos para um sítio onde a nossa voz seja ouvida acima da gritaria típica de fim de aula), não mostram nenhuma preocupação, parece quase como uma tarefa inata de reportar o que se sabe, exatamente como se de uma novela se tratasse.

Pode ser algo clínico, instintivo ou da nossa condição humana, esta tendência que temos de transformar qualquer coisa em algo com princípio, meio e fim, com enredo e personagens, com informação falsa que não podemos comprovar. Quem sabe? Se calhar transformamos tudo em novelas, porque sentimos que vivemos numa, ou se calhar até vivemos, e somos nós as personagens nas novelas de outras pessoas.

Íris Dias Ribeiro



O Poder do Dinheiro



Vivemos numa sociedade progressista, que se concretiza essencialmente na inovação, no crescimento económico, mas sobretudo no consumo. Este nosso desejo de adquirir, de possuir, de alcançar, faz parte da nossa natureza intrínseca para nos sentirmos completos e realizados. E realmente é a nossa ambição que nos faz mover para se chegar ao “almejado” sucesso. O problema, no entanto, acontece quando essa ambição se degenera em presunção, e esta por sua vez em soberba, um vício criticado tanto no “Sermão de Santo António” como n’Os Lusíadas, e que tem origem no apego ao dinheiro.

Para falar daquilo que é realmente o dinheiro ou riqueza, é preciso primeiro coadunar com ele três conceitos essenciais. O primeiro, e o mais óbvio deles, é o seu papel enquanto instrumento intermediário de troca. O segundo, está relacionado com o valor que se lhe atribui, avaliando a qualidade de um bem ou serviço. Já o terceiro, e o mais importante, surge como um corolário deste último e diz respeito à sua oferta, que é bastante limitada. Desta forma, o dinheiro é encarado como um recurso valioso, para todos.

E é nesta sua preciosidade que surge a verdadeira questão, abordada no final do canto oitavo de Os Lusíadas. Com ela, nasce uma necessidade que corrompe tanto “os pobres como os ricos”. Um desejo que faz

“traidores e falsos os amigos”. Uma cobiça que “torna tiranos os próprios Reis”, segundo Luís de Camões.

Atualmente, o dinheiro já não se trata apenas de um meio de troca ou um indicador geral do valor de algo, mas sim de poder. Poder para aliciar, seduzir, decidir, controlar, ou até corromper, como nos ensina o “Sermão de Santo António”.

Nele, não só são criticadas a cobiça e a vaidade de possuir, mas é também criticada a prepotência dos grandes, que fazem uso do seu poder para explorar os mais pequenos, e daqueles que, nem grandes, nem pequenos, simplesmente se aproveitam do próximo, quando lhes surge uma oportunidade.

O verdadeiro poder corruptor do dinheiro é afinal o de corromper o indivíduo. Dinheiro passa a ser sinónimo de segurança ou conforto, distinção ou prestígio. Com ele, as pessoas passam a refletir uma extensão de si mesmas num automóvel, numa casa ou num cargo. Cada qual já não tem valor intrínseco como ser humano, mas sim aquele que a sua imagem tiver no mercado, o lucro ou o retorno que der.

Este apego ao valor material, nalgumas pessoas, acaba por afastar os verdadeiros e mais importantes valores para segundo plano. De tão pressas ao dinheiro e à ganância, desconsideram a solidariedade, a amizade, a honestidade, o amor, tudo aquilo que realmente importa.

Também disto fala o Sermão. Fala desta ignorância, e desta cegueira perante a verdadeira razão de viver, que, de longe, é enriquecer. Trata-se de amar o próximo, valorizar os melhores momentos, apreciar a simplicidade da nossa condição.

Veem-se crianças, nos países menos desenvolvidos, com pouco mais do que um ioiô e os seus amigos e, no entanto, muito mais felizes, que muita gente. Mas há quem não o veja. Para essas pessoas, enriquecer é o ideal.

Atualmente, por si só, as ideias mais brilhantes já não bastam, é preciso saber beneficiar do apoio financeiro e explorar o sistema de patentes. Tudo gravita em torno do negócio e é para ele que tudo tende.

Em última análise, vivemos numa sociedade progressista, que se concretiza na inovação, no avanço, e num crescimento apoiado em modelos económicos insustentáveis com um único objetivo - enriquecer.

Várias pessoas trabalham horas e horas a mais por dia, ludibriadas pela busca de gerar mais riqueza. Não percebem que isso acaba por afetar a sua saúde e bem-estar, em muitos casos. Mas, na verdade, outras trabalham também horas e horas, esforçando-se, no entanto, penosamente para ganhar o suficiente. Perde-se a capacidade de sentir compaixão. E, assim, deixa-se de ser humano.

João Oliveira



Projeto de Continuidade com o Museu Bordalo Pinheiro

"E tu, que tens para nos contar?"



Tem como objetivo divulgar a obra de Rafael Bordalo Pinheiro junto dos alunos do 1.º ciclo.

Ao longo de várias sessões no Museu foram exploradas as obras através do livro "Bordalo, que tens para nos contar?"




A Escola participou no Encontro online «Educação: os desafios da continuidade e da inclusão», no dia 24 de Janeiro. Foi muito interessante!

Vamos dando notícias!!!

Coro dos Coruchéus – Escola Básica dos Coruchéus

Uma parceria com o professor de Música: Miguel Rodrigues.

Cantar!
Cantar aqui e ali,
cantar em qualquer lugar!
Cantar em grupo,
juntar vozes e criar melodias.
Criar sentido de união,
Aprender técnicas e estilos.
Crescer com o canto
Crescer com a música!





Projeto Educação para a Saúde - 2022

Com o presente Projeto pretendemos abordar temas ligados à saúde, promovendo a responsabilidade individual, coletiva e social, capaz de desenvolver nos alunos competências que lhes permitam adotar estilos de vida saudáveis, tomar decisões conscientes e informadas e levando-os a escolher opções responsáveis.

Será um instrumento de trabalho conjunto, das preocupações e responsabilidades da escola, enquanto formadora de jovens informados e responsáveis. Optaremos sempre por atividades educativas que concorram para a Promoção e Educação para a Saúde. A Promoção e Educação para a Saúde (PES) em meio escolar é um processo contínuo que visa o desenvolvimento de competências das crianças e dos jovens, permitindo-lhes confrontarem-se positivamente consigo próprios, construir um projeto de vida e serem capazes de fazer escolhas individuais, conscientes e responsáveis. A promoção da educação para a saúde na escola tem, também, como missão criar ambientes facilitadores dessas escolhas e estimular o espírito crítico para o exercício de uma cidadania ativa.

A abordagem PES assenta no Referencial para a saúde onde são definidos 5 temas Globais:

- Saúde Mental e Prevenção da Violência;
- Educação Alimentar;
- Atividade Física;
- Comportamentos Aditivos e Dependências;
- Afetos e Educação para a Sexualidade.

Turmas envolvidas no Projeto: 7^o2^a; 8^o1^a; 8^o2^a; 8^o3^a; 8^o5^a; 10^o2^a; 10^o3^a; 10^o4^a; 11^o2^a; 11^o3^a; 11^o4^a; 12^o1^a; 12^o4^a; 12^o5^a e 12^o7^a.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- ♦ “A garrafa Fumadora” (turmas do Ensino Básico) Esta actividade voltará a ser desenvolvida e apresentada à escola, no Dia do Agrupamento.
- ♦ Dentro de tema “ Comportamentos Aditivos e Dependências”, no dia 10 de Março do corrente mês, veio à nossa escola o Dr. Raul Melo, Psicólogo da SICAD e profissional experiente nesta área, que proporcionou aos nossos alunos uma palestra interativa muito interessante e pertinente, em que os alunos estiveram muito interessados e participativos.
- ♦ Em Parceria com o Centro de Saúde do Lumiar e a Enfermeira Cláudia Martins, está a decorrer uma formação com os Promotores de Saúde da nossa escola (turmas que aderiram ao projecto) sobre o tema “ Dependências e Tecnologias”. Atividade muito relevante, em que os alunos se envolveram com interesse e muito envolvimento.

Obrigada a Todos os que colaboraram com o Projeto Educação para a Saúde até à data!

Por uma Escola Melhor e Com Saúde.

Equipa do PES

**Maria do Carmo Sacadura ,
Sérgio Pereira e Ricoca Freire**



Sou uma leitora desajeitada, desequilibrada, desabituada. Não pego num livro durante meses. Mas, oh! Quando pego agarro com todas as forças e não largo. Leio no metro, nas aulas, no carro (por sorte ou azar dos outros, não fico enjoada), salas de espera, na minha cama quando já devia estar a dormir. Leio no meio de restaurantes quando os meus amigos vão à casa de banho porque talvez se fizer um esforço consiga chegar ao fim do capítulo. Afinal, preciso de saber se o protagonista vai chegar ao final com vida, ou manter o seu estatuto de morto - quando se lê, nunca se sabe.

Gosto de livros que me embalam, livros que começam e nem ligo. Paro durante umas semanas e num dia pego neles só porque sim, só porque não. Quando dou por mim, estou a pesquisar o nome do autor para des-

cobrir a tão desejada continuação, independentemente de quão boa foi a conclusão. É que esses livros são as surpresas, são os livros que me parecem nada de mais e acabam sendo um pouco de tudo.

Prefiro romances. Ou fantasia, ou terror, ou autobiografias, ou qualquer tipo de livro existente ou por inventar, mas preciso que tenha emoção que consiga sentir com o narrador. Ler é um trabalho em duas partes. O autor dá tudo o que tiver a dar e nós, leitores, tiramos o que precisamos. Não há uma pessoa no mundo que seja imune a todos e qualquer livro, algum há de causar-lhe emoção. Às vezes penso que já senti tudo o que há para sentir. A vida torna-se monótona, as palavras dentro de mim e à minha volta parecem repetidas, e tudo o que me acontece são coisas que já fiz antes, tudo o que sinto são sensações conhecidas em menor escala. E depois, pego num

livro. E sinto tudo.

Sei que depois de escrever acerca da ligação que tenho desde pequena com os livros, e entregar este trabalho, vou voltar à minha vida e esquecer os mundos dentro do papel. Sei que vou ignorar o livro que estou a ler e de que já me fartei (as minhas últimas duas leituras foram incríveis, não sei se o atual conseguirá estar à altura), e que, quando me perguntarem se leio, vou dizer que antes lia imenso, mas perdi o hábito. Mas talvez, só talvez! Me ofereçam o meu próximo livro favorito. Se calhar volto a pegar no livro que ando a ler a meio esforço e o leia à força toda, e com isso mude o rumo da minha vida.

Ler é sentir coisas assustadoras e fortes de maneira segura. Ler é viver, ler é crescer.

Helena Lopes

***Carpe Diem* em “Oh Captain! My Captain!”**

O filme “O clube dos poetas mortos” trabalha diversas temáticas, entre elas a pressão escolar, a pressão familiar, a gestão de expectativas, a vida e a morte. Mas, em todo o filme, de uma maneira por vezes evidente, doutras vezes subliminar, encontra-se presente a temática do *Carpe Diem*. Esta obra cinematográfica mostra como uma ideia simples, proferida com um intuito motivador, pode ter diferentes entendimentos, que levam a caminhos opostos.

Carpe Diem, de significado “aproveita o dia”, é introduzido neste filme pelo professor de Inglês, Mr. Keating, para simbolizar o seu diferente método de ensino e para inspirar os seus alunos a quererem vidas extraordinárias. Estas palavras são recebidas pelos alunos de maneira sedenta, por verem nelas a liberdade que nunca tiveram ou sentiram. No colégio onde estudam, as palavras “liberdade” e “criatividade” não existem, apenas existe o mesmo método antigo e enfadonho de ensino que leva os alunos a sentirem pressão para terem boas notas, com vista a serem aceites em universidades de prestígio. Com este percurso não

desiludem os pais, que desde há muito alimentam sonhos e objetivos para a vida dos filhos.

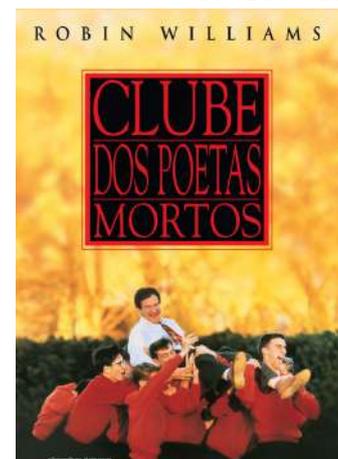
Em contraste com este tipo de ensino, Mr. Keating pretende que os alunos pensem por eles mesmos. Como ele próprio diz, todos seremos, um dia, “comida para minhocas”, querendo dizer com isto que a vida é demasiado curta e que por isso os alunos devem aproveitá-la (*Carpe Diem*), sendo criativos e originais, para explorarem as suas paixões e não ficarem só com os sonhos que lhes são impostos pelos pais.

O problema surge quando é cometido um erro na compreensão do conceito de *Carpe Diem*, que posteriormente leva a uma tragédia. Alguns alunos interpretam a celebração da originalidade e da vida praticada por Mr. Keating, como “uma vida que não tenha criatividade e originalidade não é merecedora de ser vivida”. Um dos exemplos e consequências desta interpretação é o caso de Neil Perry, um aluno que inspirado pelas palavras do professor, decide explorar a sua paixão pela representação, mesmo contra a vontade do seu pai. Quando este descobre e o proíbe de continuar, o filho fica tão perturbado

que se suicida. Neil é assim um trágico exemplo da mudança da interpretação original de “se vamos todos morrer, devemos viver a vida ao máximo”, para “por não conseguirmos viver a vida ao máximo, devemos morrer”.

A filosofia de *Carpe Diem* de Mr. Keating é, acima de tudo, uma celebração da vida. Enquanto a compreensão incorreta de *Carpe Diem*, por parte de Neil, o leva à sua morte, o professor inspira muitos dos seus outros alunos a viverem uma vida alinhada com as suas paixões, ignorando os sonhos dos pais e de outros professores do colégio.

Iris Dias Ribeiro



SOLIDARIEDADE EM TEMPOS CONTURBADOS

No dia 9 de março de 2022, a Comunidade Educativa da Escola Eugénio dos Santos, uniu-se para formar um cordão humano pela PAZ. Mobilizou-se também na recolha de produtos de primeira necessidade para entregar a algumas associações, que estão a apoiar o acolhimento de refugiados nos países com fronteiras terrestres com a Ucrânia. Foram ainda reunidos donativos através da distribuição de laços e pulseiras com as cores da bandeira ucraniana, cujo montante será entregue à UNICEF."

